

Ulysses vai ao Alvorada para apressar definição

ANC p6

CELSON FRANCO
Da Editoria de Política

O deputado Ulysses Guimarães encontra-se, às sete horas de hoje, com o presidente José Sarney, no Palácio da Alvorada. Durante o café da manhã, serão discutidos o sistema de governo e o mandato do atual Presidente da República, dentro da proposta de parlamentarismo com cinco anos que, com exceção do deputado Ibsen Pinheiro — líder do PMDB na Câmara —, recebeu a condenação das principais lideranças do partido.

A proposta, segundo um constituinte ligado a Ulysses, evidentemente que integrará a conversa entre os presidentes da República e da Assembléia Nacional Constituinte, mas não de forma definitiva. Até porque as possibilidades de entendimento entre parlamentaristas e presidencialistas são quase nulas.

O deputado Ibsen Pinheiro, que defende o parlamentarismo "pós Sarney, sem misturar com mandato", acha que ainda há tempo para o entendimento, depois de observar que, "frequentemente, os entendimentos acontecem na última hora".

O que o líder do PMDB na Câmara não vê é disposição dos dois grupos (parlamentaristas e presidencialistas) para o acordo, mesmo notando que "ninguém tem maioria", e que, nessa disputa, "o favorito é o buraco negro". E nessa circunstância que ele localiza a possibilidade do entendimento: "O buraco negro pode ser o lugar do acordo".

E há, segundo o deputado Robson Marinho — um político que frequenta bem os gabinetes de Ulysses Guimarães e de Mário Covas — quem esteja trabalhando pela vitória do buraco negro para, dessa forma, forçar o entendimento nos moldes aceitos, ou determinados, pelo Palácio do Planalto.

Uma coisa o deputado Ulysses Guimarães não poderá deixar de dizer ao presidente José Sarney: que a proposta de parlamentarismo com cinco anos, se tem boa aceitação em determinados setores da Constituinte, é rejeitada com veemência pelas principais lideranças do PMDB. Elas não aceitam barganhar o regime pelo mandato, que só será definido dentro de um mês, um mês e meio, por aí.

É o que afirma, por exemplo, o senador José Richa: "Não admitimos misturar duas coisas que não combinam — o sistema de Governo, que é permanente, e o mandato do Presidente, que é transitório". Ressalta que "não estamos fazendo barganha", e repete que "a hora é de votar".

Isso tudo, José Richa disse a Ulysses Guimarães, ontem, momentos antes da sessão da Constituinte: que não é mais hora de tentar o entendimento; que não aceita a proposta de parlamentarismo com cinco anos; que o acordo, agora, "é impossível".

Essa é a posição, também dos senadores Fernando Henrique Cardoso (líder do PMDB no Senado Federal) e Mário Covas (líder na Constituinte). E eles a afirmaram a Ulysses Guimarães, na reunião que tiveram com o presidente do partido, na

última sexta-feira.

Contra o parlamentarismo, com cinco anos, já se manifestou os governadores da Bahia, Waldir Pires e do Rio de Janeiro, Moreira Franco. Sua posição, Moreira deixou clara ao presidente da Constituinte, durante a conversa que tiveram domingo último, na casa do ministro Renato Archer.

Desse encontro, participaram o ministro Luiz Henrique e o governador Pedro Simon, ambos favoráveis ao acordo com o Palácio do Planalto. Foram eles que articularam o encontro de Ulysses Guimarães com o presidente José Sarney.

O presidente do PMDB e da Constituinte, segundo parlamentares, uns ligados a ele, outros ao Palácio do Planalto, está visivelmente trabalhando pela vitória do parlamentarismo, embora suas convicções apontem para o presidencialismo.

O líder do Governo, Carlos Sant'Anna, observa que Ulysses tem conversado com os presidencialistas, mas isoladamente, um a um. Com os parlamentaristas ele tem se encontrado mais frequentemente, e em reuniões bastante concorridas.

O senador Jarbas Passarinho, um dos presidencialistas com quem Ulysses conversou, notava ontem que o parlamentarismo é vantajoso para o presidente da Constituinte, que teria assegurado o cargo de primeiro-ministro. O presidencialismo seria um risco muito grande para as ambições políticas de Ulysses Guimarães que — essa é a opinião majoritária dentro do próprio PMDB — não teria fôlego para vencer as eleições presidenciais.